

O TESTEMUNHO DE JOÃO NO QUARTO EVANGELHO

Marciano Monteiro da Silva

Introdução

Jesus Cristo afirmou que João Batista é mais que um profeta (Lc 7,26). É o mensageiro enviado pelo Pai à frente do Senhor (Lc 1,76; Mt 11,10), é ele que faz a abertura da Boa-Nova (At 1,22; Mc 1,1-4). Ele prepara os caminhos do Messias, do qual é precursor e testemunha (Jo 1,6s). Dentro dos evangelhos sinóticos há uma atenção maior com relação ao batismo realizado por João Batista e sua pregação sobre a conversão. No Quarto Evangelho a figura de João, mais que um batizador, é a testemunha que o próprio Deus envia para ser a voz que anuncia a chegada daquele que batizará com o Espírito Santo. Ele vem não para manifestar a si mesmo, mas para que, através dele, o Cristo-Esposo se revele a Israel numa abertura universal. O Quarto Evangelho encerra peculiaridades hermenêuticas e teológicas acerca do Batista que não estão presentes nos demais evangelistas. Cabem então alguns questionamentos: quem é João? Por que ele veio? Qual valor tem seu testemunho acerca do Messias?

1. Afirmações sobre João na seção introdutória do Quarto Evangelho

Dentro do prólogo do Quarto Evangelho é possível distinguir dois textos referentes ao precursor: Jo 1,6-8.15, os quais tratam João Batista (embora neste evangelho nunca se cita o nome “Batista”, mas ele é simplesmente mencionado como João)¹:

Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. [...]
João dá testemunho dele e clama: “este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,6-8.15).

Estes versículos, dentro do prólogo, evocam a prosa, enquanto os demais apresentam um ritmo métrico; além disso, apresentam frases subordinadas: o que não se verifica na construção das outras partes do texto. O leitor atento, ao deparar-se com os versículos 6-8 e 15, poderá perceber que há uma interrupção do tema até então desenvolvido e que, sem estes versículos, as ideias do texto fluiriam tranquilamente. Isto levanta a suspeita de que estes versículos tenham sido incluídos mais tardiamente ao texto. Também os versículos 12 e 13 apresentam um destaque em relação ao corpo do

1. Neste artigo empregaremos a designação de João Batista, o mensageiro, o precursor para dar certa leveza ao texto e também por vezes para distingui-lo do autor do quarto Evangelho.

hino. O próprio prólogo distingue-se dentro do corpo do Quarto Evangelho² já que, nele aparecem termos importantes que não figuram no restante do escrito, como: *logos* (palavra), *charis* (graça), *plerôma* (plenitude)³.

O versículo 15 quase se identifica com o versículo 30: “Dele é que eu disse: Depois de mim vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim”. Este é um forte indicativo de que se tinha acesso ao conteúdo inteiro da declaração de João (Jo 1,29-34). O início daquele versículo “João dá testemunho dele” evoca, em paralelo, Jo 1,32-34, onde se pode verificar o testemunho de João quanto à descida e permanência do Espírito sobre o escolhido: “E João deu testemunho...” (Jo 1,32); “E eu vi e dou testemunho que Ele é o Eleito de Deus” (Jo 1,34). Aqui o testemunho de João é a declaração da comunicação da *glória-amor*; o Espírito de modo pleno, que o Pai faz ao Filho Único.

Outro aspecto importante, no versículo em análise, é o fato de ele evocar, como pano de fundo, costumes matrimoniais judaicos (Jo 1,27b.30). As palavras colocadas na boca de João deixam claro que ele nega ser o esposo; aquele que vem depois dele, na verdade, passa à frente dele, porque tem plenos direitos. Dentro do Quarto Evangelho, nesta perspectiva, tem-se a primeira alusão à mudança de aliança que o Messias vem realizar. O conceito teológico da Nova Aliança, que ocupa o lugar da Antiga Aliança, liga-se também de modo particular ao horizonte das núpcias. Isto pode ser entrevisto pelo sinal realizado por Jesus em Caná da Galileia (Jo 2,1-11), o qual é o protótipo e horizonte de compreensão dos demais sinais realizados por Ele. É interessante notar que o símbolo nupcial abre as grandes seções do Evangelho: Caná (Jo 2,1-11), Betânia (Jo 12,1-3), o casal no horto (Jo 20,1.11-18)⁴.

2. Função de João: dar testemunho

O Quarto Evangelho dá um destaque especial à figura do precursor, João Batista, e seus discípulos. Logo no prólogo, o escritor sagrado introduz dois parênteses para declarar que o Batista não era a *Luz*, mas seu papel fundamental era dar testemunho dela e afirmar sua precedência, como podemos verificar pelos versículos citados acima (Jo 1,6-8.15). Em seguida, em Jo 1,19-36, o leitor depara-se com um elaborado testemunho de João, o qual resulta no seguimento de Jesus, por parte dos discípulos do precursor (Jo 1,35-36). O texto evangélico avança mais um pouco e João Batista, em conjunto com seus discípulos, é posto novamente em cena, para dar testemunho (Jo 3,22-30). Já em Jo 5,33-35, o próprio Jesus reconhece o testemunho de João como lâmpada passageira que anuncia a Luz verdadeira. Finalmente, em Jo 10,40-42, o lei-

2. Contudo, não é possível neste artigo aprofundar esta problemática e, desse modo, nos atemos à luz que o texto projeta sobre a figura do Batista, dentro do Evangelho. Sobre o prólogo joanino pode-se consultar com grande proveito a obra de A. FEUILLET, *O Prólogo do Quarto Evangelho: Estudo de teologia joânica*. São Paulo: Paulinas, 1971.

3. FABRIS, Rinaldo & MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 276.

4. MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999, p. 65.

tor encontra uma discreta ratificação, por parte do povo, acerca do testemunho do precursor, reconhecendo-o como verdadeiro⁵.

Dentro da narrativa de Jo 1,19-28, a autodefinição de João Batista, na célebre afirmação: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías” (Jo 1,23), evoca e atualiza o conjunto da tradição profética precedente, aludindo, assim, a todos os anúncios proféticos referentes à salvação de Deus dispensada à humanidade. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que em Jo 1,6-8 ele representa, de modo típico, todos os testemunhos dentro do curso da história, com a função de atestar a presença da Luz de Deus no mundo. Por isto, sua figura adquire uma importância que não se reduz a um indivíduo único, cuja função não pode ser delimitada a uma época particular; sua mensagem avança, em perspectiva, para o horizonte universal. Durante o tempo da história da salvação, que precede a encarnação do verbo, a graça divina nunca permitiu que faltassem testemunhos indicadores da Luz divina, que sempre iluminou a pessoa humana. João Batista tem, nesta ótica, um testemunho específico que, embora localizado em um tempo e espaço determinados, sua função de testemunha da Luz sempre foi exercida no decorrer da história do relacionamento entre Deus e a humanidade⁶.

2.1. O significado de *martyrein*, *martyria* – *testemunhar*, *testemunho*

Como se pode perceber, a função de João Batista no Quarto Evangelho é dar testemunho, mas cabe a pergunta: o que significa isto, qual é a essência desta atividade profética?

Em relação à tradição sinótica, a categoria teológica “testemunho” (do grego *martyrein*, *martyria*) ocupa um significado e um espaço únicos no Quarto Evangelho. Para se ter uma ideia, o Evangelho de Mateus utiliza 4 vezes o conceito, Marcos 6 vezes e Lucas 5 vezes, enquanto o texto joanino utiliza 48 vezes; dessas ocasiões, em 33 delas aparece o verbo *martyrein* e em 15 o substantivo *martyria*. Isto ocorre porque dentro da teologia do Quarto Evangelho há um interesse do escritor sagrado por temas que não correspondem aos salientados pelos sinóticos⁷.

No Novo Testamento, o grego bíblico empregado, ao utilizar o termo *martys* e afins, traz presente uma carga de sentido jurídica quanto à atestação de um fato, a transmissão de uma verdade. Nos escritos joaninos o uso do termo conota o voltar-se mais à verdade dos fatos salvíficos do que aos fatos em si. O conceito neotestamentário de testemunho não se identifica com a concepção de *evidência*, própria de demonstração científica. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o testemunho é, acima de tudo, a afirmação convicta de uma pessoa, sujeita a exame, o qual quer verificar se outras pessoas também atestam o mesmo fato. Após tal verificação, o testemunho

5. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 49-50.

6. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 79.

7. TUÑÍ, Josep-Oriol & ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999, p. 19-20.

deve ser aceito como racional e verdadeiro. Em síntese: “[...] o testemunho consiste sempre no empenho de uma pessoa com relação à verdade que atesta. O empenho de uma pessoa com a verdade é dedicação de sua própria vida [...]”⁸ e o “[...] emprego do termo grego *martyrs* (mártir) para indicar aquele que sofre a morte pela fé cristã aparece no século II dC e passou ao uso comum”⁹. A teologia joanina, nesta perspectiva, tem como uma das características referenciais o relevo dado ao tema do testemunho, enquanto condição indispensável à fé em Jesus. O testemunho, na essência, é o engajamento em função da verdade¹⁰.

Pode-se afirmar que a revelação de Jesus, dentro da perspectiva joanina, dá-se sob este termo tipicamente joanino. Para demonstrar tal orientação teológica é possível citar alguns textos: “Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho” (Jo 3,11); “Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra é terrestre e fala como terrestre. Aquele que vem do céu dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém acolhe seu testemunho” (Jo 3,31-32); “Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz” (Jo 18,37). Além disso, encontramos no texto evangélico uma série de testemunhos acerca de Jesus, entre os quais: o do Pai (Jo 5,37; 8,18); o do precursor João Batista (Jo 1,7.8.15.32.34; 3,26; 5,33); das Escrituras (Jo 5,39); as obras realizadas por Jesus (Jo 5,36; 10,25). Jesus vai apelar para todos esses testemunhos para legitimar o seu próprio testemunho¹¹.

Contudo, não é possível afirmar, em estrito senso, que haja um testemunho plural acerca de Jesus. A declaração do Pai manifesta-se através do mensageiro João Batista: “[...] aquele que me enviou para batizar com água disse: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. [...] Ele é o Eleito de Deus’” (Jo 1,33-34). O testemunho do Pai também se dá através das Escrituras (Jo 5,37-39) e pelas obras, que Ele mesmo permite que o Filho realize (Jo 5,36). O testemunho do Pai é o mesmo de Jesus: “eu dou testemunho de mim mesmo e também o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim” (Jo 8,18). Portanto, é possível afirmar que a pluralidade de testemunhos pode ser reduzida ao do próprio Jesus, já que o Pai atua sempre através dele e não se relaciona com o mundo por outra via (Jo 18; 5,37; 6,46...). Conclui-se que, dentro da tradição joanina, a ação testemunhal em favor de Jesus encaminha-se para revelar quem é Jesus e qual sua missão. Dentro deste horizonte fica mais fácil compreender o testemunho dado pelo Batista e qual sua importância.

2.2. Testemunho da luz: Jo 1,6-8

O texto de Jo 1,6-8 afirma: “Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cres-

8. MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 928.

9. Id. *Ibid.*

10. FEUILLET, A. *O Prólogo do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1971, p. 55.

11. *Ibid.*, 1999, p. 80-81.

sem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. O modo como o v. 6 inicia a apresentação de João deixa claro seu *status* de mensageiro humano, enviado diretamente por Deus. No entanto, o principal agente aqui é Deus que faz o envio. Portanto, a presença do mensageiro é produto da vontade divina que escolhe um homem sem qualquer qualificação do povo, condição social ou religiosa. Este homem deve dar testemunho da luz aos demais, como se pode perceber pelo versículo 7. A síntese desta missão está na função de dar testemunho em favor da *Luz*: deve chamar a atenção para sua existência e despertar o desejo do coração humano para alcançá-la. Neste horizonte teológico há a denúncia das trevas e de sua atividade. Esta Luz é o esplendor da vida (Jo 1,4) e, portanto, João recebe o encargo de ser profeta da vida, despertando a esperança que não decepciona, a oferta divina da possibilidade da vida plena fora das trevas.

Ainda no v. 7, o objetivo da missão é indicado de modo duplo em forma de substantivo, *testemunho* e em forma verbal: *dar testemunho*. Tal repetição é muito importante para a aproximação da figura e importância do precursor, no Quarto Evangelho: ele é a testemunha e deve dar convictamente seu testemunho. Esta missão, compreendida como dar testemunho da luz, é descrita pelo próprio João como o *batizar com água*, visando a manifestação a Israel daquele que viria depois dele (Jo 1,31). Este batismo significa uma ruptura com as trevas e consequente passagem, sob desejo, ao campo da Luz, manifestada por Aquele que vem para tirar o pecado do mundo (Jo 1,29).

O v. 8 atesta que, embora enviado pela vontade divina, João não é a Luz: sua missão é apenas relativa. Diante disso, pode-se entrever a possível identificação, por parte de alguns, do Batista com a Luz. Esta distinção é muito importante, já que somente aquele que viria depois realizaria, em si, a plenitude do projeto divino, sendo o portador da vida e consequente comunicador desta. Esta afirmação do prólogo evoca de modo paralelo a declaração de João: “Eu não sou o Messias” (Jo 1,19). Assim sendo, o papel de João é suscitar a esperança e anunciar o pleno cumprimento do projeto divino¹².

2.3. Jo 1,19-28: Declaração de João perante a comissão de inquérito: ele não é o Messias, mas veio para dar testemunho, como voz profética

Na perícopes de Jo 1,19-28 tem-se a descrição do testemunho de João no meio do mundo, espaço do exercício das trevas (Jo 1,15). Antes de tudo, em correspondência com Jo 1,8: “Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. João Batista negará, radicalmente, que o título de Messias pudesse ser atribuído à sua pessoa:

Este foi o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogar: “Quem és tu?” Ele confessou e não negou; confessou: “eu não sou o Cristo”. Perguntaram-lhe: “Quem és, então? És tu, Elias?” Ele disse: “Não o sou”. – “És o profeta?” Ele respondeu: “Não”. Disseram-lhe, então: “Quem és, para darmos uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?” Disse ele: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho

12. Ibid., p. 53.

do Senhor; como disse o profeta Isaías”. Alguns dos enviados eram fariseus. Perguntaram-lhe ainda: “E por que batizas, se não és o Cristo nem Elias, nem o profeta?” João lhes respondeu: “Eu batizo com água. No meio de vós está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correria da sandália”. Isto se passava em Bethabara, do outro lado do Jordão, onde João batizava (Jo 1,19-28).

Neste texto é possível perceber que o inquérito, realizado pelos emissários, parece não ter um tom agressivo ou ardiloso, como acontecerá com Jesus (Mt 22). Isto fica claro pelo fato de os enviados serem sacerdotes, já que ele também é sacerdote, filho de sacerdote, ao passo que Jesus é considerado um operário da Galileia. Possivelmente, sua renúncia a este estado sacerdotal, em vista de uma vida austera e seu êxito junto ao povo, conferiu-lhe um grande respeito. Portanto, João, possivelmente, não teve problemas com as autoridades religiosas de Jerusalém. Eles querem verificar se em João realizam-se as profecias, se ele é o Eleito esperado. As respostas dadas por ele apenas servem para afirmar que ele não é mais que um instrumento relativo da vontade divina e evita qualificar-se até como profeta, autodesignando-se como voz que grita no deserto¹³.

Contudo, a resposta dada por ele não traz contentamento aos inquisidores e estes questionam o fundamento de seu batismo (Jo 1,25-27). Aqui as afirmações, feitas por João, situam-se dentro da corrente apocalíptica, ou seja, é revelação referente aos últimos tempos; apresenta-se também o elemento escatológico (do grego *eschatos* – último). Como é próprio deste gênero literário, também a escatologia de João nos evangelhos é ambígua; o futuro imediato e o futuro último se misturam: no caso, a vinda do Messias esperado e o juízo final. No entanto:

A escatologia e os apocalipses não visam satisfazer as nossas curiosidades com referência ao futuro, mas erguer para mais distante nosso olhar míope; e os discursos apocalíptico-escatológicos de João [...] não evocam a iminência do juízo senão para motivar a conversão e a mudança profunda de vida esperada por Deus. [...] João não foi um sonhador apocalíptico, mas um profeta. Reajustou o olhar dos homens de seu tempo para ver o futuro e a urgência de Deus¹⁴.

A pergunta do v. 19: “Quem és tu?”, mostra que as autoridades judaicas não atribuem nenhum papel específico a João e procuram ouvir dele mesmo suas intenções. O ambiente do inquérito é permeado pela atmosfera do messianismo esperado; diante disso, a atividade de João e seu testemunho tornam-se inquietantes. Apesar de não haver uma ameaça declarada contra ele, a resposta de João no versículo 20: “eu não sou o Cristo”, por um lado, tranquiliza os representantes da hierarquia. A concepção corrente na época, acerca do messianismo, previa que um dos principais objetivos do Messias era a reforma das instituições, com conseqüente deposição da hierarquia, tida como indigna. Por outro lado, esta resposta do Batista põe-se como expressão histórica da

13. LAURENTIN, René. *João Batista: o precursor do Messias*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 61-62.

14. Id., *Ibid.*, p. 65.

afirmação de Jo 1,8: “Ele não era a luz”. Isto significa que ele não poderia oferecer a vida aos oprimidos pela atuação das trevas; seu papel era apenas o de despertar a esperança e a aspiração pela Luz verdadeira, que já estava no meio do povo (Jo 1,26-27).

É possível entrever na redundância da frase: “Ele confessou e não negou; confessou” (Jo 1,20), um interesse do autor sagrado em evidenciar as palavras de João que negam ser ele o Messias. Isto ocorre porque, possivelmente, havia um grupo que o reconhecia como tal; o evangelista procura desmentir essa crença. Há, desse modo, todo um esforço para deixar claro o espaço de João como precursor¹⁵. A pergunta acerca da identidade com Elias (Jo 1,21) evoca o texto de Ml 3,22-24:

Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, a quem eu prescrevi, no Horeb, para todo Israel, estatutos e normas. Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.

No período do Novo Testamento, e mesmo anterior a ele, a voz profética havia silenciado. Ocupava seu lugar a lei escrita e a interpretação dos mestres. No entanto, algumas correntes acreditavam e esperavam pela volta do profetismo, nos últimos tempos; apareceria um profeta maior que falaria de modo a resumir a voz dos profetas precedentes. Parte destes grupos acreditava na volta de Elias. Contudo, a tradição cristã primitiva via no Batista o profeta eleito como precursor de Jesus, mas não lhe atribuía a condição de profeta último e definitivo¹⁶.

O próprio João não atribuía a si mesmo nenhuma função que pudesse trazer a centralidade das atenções sobre sua pessoa. Por isso suas três respostas são negativas (Jo 1,20-21) e sua autodefinição indica um rebaixamento, ao qualificar-se apenas como a *voz do que clama no deserto* (Jo 1,23). Ele não busca sua própria glória (Jo 5,41) e sua missão é apenas um testemunho através do qual outro deve manifestar-se a Israel, o Messias, Jesus de Nazaré (Jo 1,31)¹⁷. Isto fica claro no texto ao tratar dos dois batismos: ele batiza só com água, mas este seu batismo seria seguido de outro superior, com o próprio Espírito Santo (Jo 1,33). O contraste entre os dois batismos, o qual marca a superioridade e primazia do segundo, assume vários matizes: enquanto a água é apenas um elemento natural, o Espírito é Pessoa Divina; a água está na esfera física, mas o Espírito penetra no próprio interior do coração humano; se por um lado a água pode simbolizar transformação e purificação, por outro, só o Espírito é Força Divina que pode realizar tais coisas e trazer a vida nova. Portanto, o Batista é apenas testemunha precursora e Aquele que vem após ele é o que deve revelar-se, o Messias, do qual João afirma: “[...] do qual não sou digno de desatar a correia da sandália” (Jo 1,27)¹⁸.

15. MATEOS. Op. cit., p. 82-83.

16. FABRIS. Op., cit., 2006, p. 294.

17. MATEOS. Op. cit., p. 85.

18. Id. Ibid., p. 89-90.

2.4 João não é o Cristo: identidade e missão do Messias testemunhadas por João Batista – Jo 1,29-34

No Quarto Evangelho a função principal do Batista é o testemunho. Dentro deste evangelho, a concepção da fé passa fortemente pelo testemunho. A narração presente em Jo 1,29-34 quer indicar o como e o quando o precursor reconheceu o Messias. É acima de tudo uma confissão de fé em Cristo, articulada em três afirmações: “eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (v. 29); “eu vi o espírito descer como uma pomba e permanecer sobre Ele” (v. 32); “Ele é o Filho de Deus (v. 34)”:

No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Dele é que eu disse: Depois de mim vem um homem que passou adiante de mim. Eu não o conhecia, mas, para que Ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água”. E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito descer, como uma pomba, vindo do céu, e permanecer sobre Ele. Eu não o conhecia, mas, aquele que me enviou para batizar com água, disse: “Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo”. Eu vi e dou testemunho que ele é o eleito de Deus (Jo 1,29-34).

A primeira dessas afirmações, sobre o cordeiro de Deus, é a mais importante e repete-se no v. 36. É possível relacionar-lhe todo um conjunto de textos e imagens referentes ao Antigo Testamento, os quais servem de pano de fundo: cordeiro pascal de Ex 12,1-8; Servo do Senhor de Is 53,7; referência ao sacrifício cotidiano do cordeiro no Templo, em Ex 29,38-46, entre outras. A declaração de João Batista parece reunir todas estas alusões de modo global. É importante trazer presente que no Novo Testamento ocorre poucas vezes o termo *cordeiro* (como Jo 1,29.36; At 8,32; 1Pd 1,19; Ap 5,6) sendo que duas delas estão na boca do precursor. Estas ocorrências sempre se referem a Cristo. Nesta linha, o testemunho do Batista enaltece dois aspectos:

O cordeiro é a imagem de uma obediência e de um amor que vão até a Cruz; e o cordeiro é a imagem do servo de Deus que toma sobre si (“leva”) o pecado do povo. [...] Jo usa um verbo que significa ao mesmo tempo “levar, carregar, tomar nos ombros a” e “levar embora, tirar”. [...]. A referência a 1Jo 3,5-6 demonstra que Cristo leva os pecados não somente para que os repare, mas para que com a sua vinda termine, em certo sentido, o tempo do pecado: ele traz o conhecimento de Deus, que pode fazer nascer uma comunidade capaz de vencer o pecado¹⁹.

A segunda afirmação, relacionada à descida do Espírito sobre o Messias (Jo 1,32-33), apresenta o Espírito como o sinal revelador e traz como pano de fundo os textos de Is 11,2; 48,16; 61,1. Desse modo faz referência ao batismo não narrado, conservando seu elemento em essência relacionado à revelação do Verbo. Ele, o Eleito, é aquele que batiza com o Espírito; esta temática será desenvolvida dentro do diálogo com Nicodemos em Jo 3,5-8: somente o Espírito pode infundir a vida nova e somente aquele que o recebeu plenamente pode dá-lo²⁰.

19. FABRIS. Op. cit., 2006, p. 294-295.

20. SCHÖKEL, L.A. *Bíblia do Peregrino*: Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996, p. 290, *nota de rodapé*.

É interessante que no v. 33 o Batista nega conhecer Jesus. Assim sendo, seu testemunho não tem origem em alguma dedução humana, mas nasce somente do anúncio divino e confirma-se pela sua própria experiência. É a revelação divina que dá o sinal para o reconhecimento do Messias. O batismo com o Espírito não se refere à imersão externa em água, mas fala da habitação do Espírito na pessoa humana; nela Ele se manifestará como princípio interior, água viva que jorra para a vida definitiva (Jo 4,14); ela que emanará do lado aberto de Cristo na cruz (Jo 19,34), e que será bebida verdadeira para os que têm fé (Jo 7,37-39). É pela habitação do Espírito nos discípulos que Jesus poderá afirmar que sua glória fica manifesta neles (Jo 17,10), ou ainda que a glória recebida do Pai é transmitida a eles (Jo 17,22). Estas são expressões que designam o Espírito e a comunicação do Amor do Pai celeste²¹.

Quanto à terceira afirmação do testemunho sobre o Eleito, o Filho de Deus²², é quase uma conclusão das duas anteriores: somente o Cordeiro de Deus, o que recebeu o Espírito em plenitude, é o Filho, o Eleito²³. No Evangelho de João, diferentemente da tradição sinótica, a palavra sobre a filiação divina de Jesus não aparece como vinda do céu, mas proferida por um homem, o precursor, a *voz profética* que clama no deserto²⁴. Há ainda uma íntima ligação com o prólogo e sua perspectiva, o qual faz a referência teológica ao *Filho Único* (Jo 1,14). Parece ser justamente este o horizonte que orienta a direção do texto evangélico, escrito para “[...] credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus [...]” (Jo 20,31)²⁵.

2.5 Primeiros discípulos de Jesus por conta do Testemunho de João: Jo 1,35-42

Embora a narrativa de Jo 1,35-42 tenha certa semelhança com Mc 1,16-20, é necessário abordá-la tal como se apresenta na configuração joanina:

No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois de seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: “Eis o Cordeiro de Deus”. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: “Que procurais?” Disseram-lhe: “Rabi (que, traduzido, quer dizer Mestre), onde moras?” Disse-lhes: “Vinde e vede”. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com Ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente (Jo 1,35-42).

Um primeiro elemento particular é o fato dos primeiros discípulos de Jesus serem originários do grupo de discípulos do Batista. Isto significa que aqueles que, por algum motivo, quisessem apelar à figura de João e seu papel para questionar ou diminuir a pessoa de Jesus, teriam que confrontar-se com este dado importante: o próprio

21. MATEOS. Op. cit., p. 101.

22. Há duas traduções ou leituras possíveis a partir dos manuscritos do quarto Evangelho: “Filho de Deus” e “Eleito de Deus”, sendo que há uma inclinação maior entre os estudiosos para a primeira (DUFOR, p. 142).

23. KONINGS. Op. cit., p. 104.

24. DUFOR. Op. cit., 1996, p. 141.

25. Id. Ibid., p. 143.

Batista dirigiu seus discípulos ao Nazareno. Portanto, o seguimento de João Batista encontra seu sentido pleno no seguimento de Jesus, o qual é designado no v. 38 como *Rabi* (Mestre).

Um segundo aspecto, típico e importante desta narrativa é o caráter sapiencial da cena. Já no prólogo há identidade entre a Sabedoria (Palavra) divina e a Pessoa de Jesus. Associado a isto podemos trazer presente que em João 1,38-41.43-45 o evangelista utiliza o dual teológico “procurar-encontrar”, o qual é próprio do horizonte da Sabedoria: ela deve ser procurada e deixa-se encontrar. Novamente, dirigindo o olhar para a cena, o leitor pode perceber que, antes que os dois discípulos perguntem algo, é Jesus quem toma a iniciativa (Jo 1,38). Isto evoca o esquema presente no Antigo Testamento, no qual a sabedoria antecipa-se frente aos que a procuram (Sb 6,12-14). É importante perceber, ainda, que a pergunta dos discípulos: “Onde moras?” (Jo 1,38), indica que querem *permanecer* com Ele, na condição de discípulos, o que é confirmado em Jo 1,42. A partir desta atitude, o texto traz o convite de Jesus: “Vinde e vede” (Jo 1,39). Este mesmo convite encontra seu sentido profundo em Jo 17,24: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste [...]”²⁶. Este é o chamado que o Eleito faz, Ele que tem em João Batista apenas um precursor, uma testemunha qualificada.

2.6. O testemunho em Enom. Último testemunho de João: o amigo do Esposo (Jo 3,22-30)²⁷

Tendo em vista a informação presente em Jo 2,23: “Enquanto estava em Jerusalém, para a festa da Páscoa [...]” e o texto a partir de Jo 3,22: “Depois disso, Jesus veio com os discípulos para o território da Judeia e permaneceu ali [...]”, vê-se claramente que Jesus desloca-se da capital para a periferia, província da Judeia, a qual se encontrava sob jurisdição direta de Jerusalém. Todo o conteúdo da perícopa de Jo 3,22-30 refere-se a esta estadia de Jesus ali:

Depois disso, Jesus veio com os discípulos para o território da Judeia e permaneceu ali com eles e batizava. João também batizava em Enom, perto de Salim, pois lá as águas eram abundantes e muitos se apresentavam para serem batizados. João ainda não fora encarcerado. Originou-se uma discussão entre os discípulos de João e certo judeu a respeito da purificação; eles vieram encontrar João e lhe disseram: “Rabi, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, de quem deste testemunho, batiza e todos vão a ele”. João respondeu: “Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado do céu. Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: ‘Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele’”. Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o

26. KONINGS. Op. cit., 2000, p. 30.

27. O texto a seguir (Jo 3,31-36) aparentemente pertence ao discurso de João Batista, mas segundo vários autores estes versículos têm correspondência com a última parte do diálogo com Nicodemos (Jo 3,11-21) e seria uma reflexão do próprio autor-narrador. Este texto tem um profundo caráter cristológico e quanto à sua substância não pertenceria ao discurso do Batista. Contudo, ele justifica grandemente o sentido da frase de João: “É necessário que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30) (FABRIS, p. 313). Preferimos não abordar esta problemática no presente artigo.

ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa! É necessário que ele cresça e eu diminua (Jo 3,22-30).

É a primeira vez que Jesus é apresentado naquela região para exercer uma atividade junto ao povo. Na capital ele fizera o anúncio e denúncias, combatidas ou mal interpretadas; agora, afasta-se e vai conquistar adeptos na periferia. Esta atitude de Jesus é marcada pelo batizar, embora batizasse por intermédio de seus discípulos (Jo 4,2). Tal fato, em suas circunstâncias, depois do episódio do Templo (Jo 2,13-22), é um indicativo da ruptura com as instituições de Israel; sua atuação nesta região evidencia o surgimento de um desafio e inquietação às autoridades religiosas que o haviam rechaçado²⁸.

Até aqui o olhar do leitor dirige-se para a atividade messiânica de Jesus. A seguir o texto introduz, em contraste, a figura e a atividade do Batista, em Jo 3,23-24: “João também batizava em Enom, perto de Salim, pois lá as águas eram abundantes e muitos se apresentavam para serem batizados. João ainda não fora encarcerado”. Ele continua a missão recebida por designação divina, explicitada em “*batizar com água*” (Jo 1,26.33) para que o Messias “*fosse manifestado a Israel*” (Jo 1,31.33); esta especificidade aparece refletida nos termos: “*as águas eram abundantes*” (Jo 3,23)²⁹. Surge, diante dos dois batismos em paralelo, a importante pergunta: a quem ir para ser batizado? Os elementos textuais ajudam a esclarecer, embora não ofereçam solução adequada e deixem sem responder várias outras perguntas, como: Por que Jesus exerce a ação de batizar desassociado de João? Com que frequência o fez? Qual o significado lhe atribuiu? O grande objetivo do autor sagrado parece ser apenas criar o quadro para o adequado testemunho do Batista, e não esclarecer tais indagações³⁰.

Mas é interessante perceber que este aspecto da abundância de água (Jo 3,23), já entrevisto pelo nome do local (*Enom = as fontes*), parece estar em oposição às talhas vazias de Jo 2,6-7; isto significa que dentro do sistema legal judaico, enrijecido e vazio, não era possível qualquer purificação. Ao pedir para encher as talhas (Jo 2,7), Jesus revela ser Ele aquele que traz a verdadeira purificação, só Ele pode batizar no Espírito. Nesta perspectiva teológica, o batismo de João é o ponto inicial da ruptura e estabelecimento da Nova Aliança. Um detalhe valioso nesta perícopes é o fato dele utilizar a imagem do Messias-Esposo, autodesignando-se como *amigo do Esposo* (Jo 3,29). Assim sendo, como precursor cabe-lhe apenas preparar a esposa, seu batismo ganha um caráter de *banho pré-nupcial*; deve preparar o povo para o encontro vivo com o Esposo esperado³¹. Todos estes detalhes, do contraste entre as duas missões, posto pela perícopes, fazem surgir a compreensão expressa, maximamente, na frase de João Batista: “É necessário que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). O precursor não compete com o Messias, ao contrário alegra-se com a atuação de Jesus; torna-se não apenas testemu-

28. MATEOS. Op. cit., 1999, p. 200.

29. KONINGS. Op. cit., 2000, p. 135.

30. FABRIS. Op. cit., 2006, p. 313.

31. MATEOS. Op. cit., 1999, p. 200-201.

nha qualificada, mas também verdadeiro discípulo; humilde e obediente à vontade divina e renuncia a si mesmo para abrir-se ao Cristo.

O escritor sagrado faz uso de todo esse contexto ao tratar do último testemunho do precursor. Aparece a esclarecedora e importante afirmação de João: “Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado do céu” (Jo 3,27). Ele sabe que toda missão, ou função, é designada pela própria vontade divina: tudo o que se possui é recebido e não pode ser motivo de vanglória (1 Cor 4,7). Mais uma vez aparecem aspectos da figura humilde e sábia do precursor. A relação de João Batista e Jesus precisa ser abordada de modo mais profundo que o puro assunto do batizar. Assim, o último testemunho faz seu eco como final esclarecedor de uma série: “O que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,15); “Aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália” (Jo 1,27); “Depois de mim vem um homem que passou adiante de mim” (Jo 1,30); “Vi o Espírito descer, como uma pomba vindo do céu, e permanecer sobre Ele” (Jo 1,32); “Mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo” (Jo 3,29).

Aparece também a importante dupla de binômio: *esposo e esposa, voz e alegria* (Jo 3,29); encontram-se em Jeremias, o qual a repete como combinação de tragédia e restauração: “Farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz de júbilo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, porque a terra tornar-se-á uma ruína” (Jr 7,34; 16,9; 25,10; 33,11; ressoa em Ap 8,23). O Messias esposo é Jesus e o amigo que o escuta é João. A voz da esposa parece ficar oculta, à espera da *hora* da ressurreição. É marcante também a presença dos verbos *crescer* e *diminuir* (Jo 3,30), verbos da fecundidade e também de sua antítese (Jr 30,19; Gn 1,28); eles marcam as últimas palavras do precursor no Quarto Evangelho³².

3. As testemunhas de Cristo: Jesus tem um testemunho maior que o de João (Jo 5,33-47)

A perícope de Jo 5,31-47 tem como foco o testemunho a favor de Jesus. Se por um lado, anteriormente, o evangelista apresentou Jesus falando com muita autoridade, por outro lado, agora quer trazer presentes suas credenciais. A pergunta de fundo é sobre quem dá testemunho a seu favor, já que perante uma assembleia ninguém tem autoridade para dar testemunho de si mesmo, embora esta regra não se aplique indistintamente a Jesus (Jo 8,14.18). Dentro do corpo do texto, sob as palavras de Jesus, também está mencionado o testemunho de João:

Vós enviastes emissários a João e ele deu testemunho da verdade. Eu, no entanto, não dependo do testemunho de homem; mas falo isso, para que sejam salvos. Ele era a lâmpada que arde e ilumina e vós quisestes vos alegrar, por um momento, com sua luz. Eu, porém, tenho testemunho maior que o de João: as obras que o pai me entregou de consumir. Tais obras eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou (Jo 5,33-36).

32. SCHÖKEL. Op. cit., 2000, p. 296-297, *nota de rodapé*.

O Batista representa um testemunho humano e ainda insuficiente em relação ao Messias: “Eu, no entanto, não dependo do testemunho de homem; [...] Eu, porém, tenho testemunho maior que o de João [...]” (Jo 5,34.36). O precursor foi como que uma lâmpada acesa, a qual emitiu seu brilho por tempo determinado (Jo 5,35); foi um dos sinais escolhidos pela vontade divina, mas não era a *Luz* (Jo 1,6-8.9). Assim sendo, Jesus conta com um testemunho maior que o de João a seu favor: “Eu, porém, tenho testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me encarregou de consumir [...]” (Jo 5,36); elas revelam que o próprio Deus é quem atua em Cristo (Jo 5,17.19-20). Na sequência do discurso aparece o elenco de outras duas testemunhas: o próprio Pai (Jo 5,37) e as Escrituras (Jo 5,39)³³.

Nesta perícopé, o importante é perceber que o testemunho do Batista é válido, mas insuficiente para demonstrar que a missão de Jesus vem de Deus. Ele apenas dava testemunho com palavras, sem o uso de sinais. Contudo, em Jo 10,40-42, a última menção da figura de João Batista, no Quarto Evangelho, há o reconhecimento de que suas palavras eram verdadeiras, acerca da missão e da Pessoa de Jesus³⁴. “Ele partiu de novo para o outro lado do Jordão, para o lugar onde João havia anteriormente batizado, e aí permaneceu. Muitos vinham a Ele e diziam: ‘João não fez sinal algum, mas tudo o que João disse sobre ele era verdade’. E muitos, aí, creram nele”. Fica claro mais uma vez que o papel de João no Quarto Evangelho foi dar seu testemunho e este ocupou um lugar único. Ele cumpriu a missão de ser a *voz profética* que prepara o caminho daquele que é a própria *Luz*, daquele que, vindo após, passou à sua frente porque já estava eternamente no seio do Pai (Jo 1,1.30).

4. Considerações finais

Dentro da revelação da pessoa e missão do Verbo encarnado, na perspectiva do Quarto Evangelho, o termo “testemunho” ocupa um lugar de destaque teológico: o conhecimento de Cristo é atestado pelas testemunhas que o revelam. Entre as testemunhas citadas, logo no prólogo aparece com destaque a figura de João Batista, enviado pelo Pai para dar testemunho da Luz, o Messias esperado, que eternamente está no seio do Pai. O escritor sagrado não faz uso do nome Batista (batizador) para designar João. Seu maior interesse não é apresentá-lo como aquele que vem para batizar, mas querer evidenciar que sua missão específica é dar testemunho, ser voz profética em favor da revelação de Cristo a todo Israel.

Ele mesmo descreve sua missão como o *batizar com água*, visando a manifestação a Israel daquele que viria depois dele (Jo 1,31). Os textos do Quarto Evangelho, referentes à figura de João, buscam, fortemente, deixar claro que ele não é o Messias, mas somente o precursor; ele não é a luz, mas testemunha da luz. Prova disto é que, diante do inquérito realizado pela comissão enviada pela hierarquia religiosa de Jerusalém, o próprio João evidencia que ele é apenas um instrumento relativo da vontade di-

33. KONINGS. Op. cit., 2000, p. 160.

34. MATEOS. Op. cit., 1999, p. 284-285.

vina e evita qualificar-se até como profeta, autodesignando-se apenas como *voz* que grita no deserto. Nesta mesma linha, diante da polêmica levantada quanto à ação de batizar por parte de Jesus (através dos discípulos), novamente ele deixa claro o seu papel e dá testemunho em favor de Cristo.

A obediência e humildade do Batista podem ser entrevistas com maiores evidências no Quarto Evangelho. Ele não só proclama e deixa claro seu espaço de precursor como também indica o Cristo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e encaminha seus discípulos para o verdadeiro Mestre. Sua frase célebre: “É necessário que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30), é máxima expressão de sua nobreza enquanto mensageiro consciente da vontade divina, que não almeja glória para si. Ele deixa claro que não pode dar o Espírito, não pode comunicar a vida nova. Seu ministério recebeu aprovação não só de Cristo, mas o povo reconhece que suas palavras são verdadeiras: “Este homem não fez sinal algum, mas tudo que ele disse acerca de Jesus é verdade” (Jo 10,41).

Referências bibliográficas

- FABRIS, R. & MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 2006.
- FEUILLET, A. *O Prólogo do Quarto Evangelho: Estudo de teologia joânica*. São Paulo: Paulinas, 1971.
- KONINGS, J. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAURENTIN, R. *João Batista: o precursor do Messias*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MATEOS, J. & BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999.
- SCHÖKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino: Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1996.
- TUÑÍ, J. & ALEGRE, X. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

Marciano Monteiro da Silva
Av. Rio Grande do Norte, 2842
Praça Tamoyo
87504-000 Umuarama, PR
Tel. (44) 3662-1230
E-mail: marcianorum@yahoo.com.br